

JÚLIO DANTAS

Académico de mérito da Academia das Ciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras
Da Real Academia Espanhola

FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS

PEÇA EM 4 ACTOS



LELLO & IRMÃO — PORTO
EDITORES

FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS

Peça em 4 actos, representada pela primeira vez
no Teatro Nacional de D. Maria II
em 12 de Março de 1947.

JÚLIO DANTAS

Académico de mérito da Academia das Ciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras
Da Real Academia Espanhola

FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS

PEÇA EM 4 ACTOS



1947

Livraria Lello & Irmão—editores
Rua das Carmelitas, 144 — PORTO

PERSONAGENS

FRANCISCA DE MOURA	—	Emilia Nunes
D. ANTÓNIA DE NORONHA	—	Carmina Dolores
ROSAL	—	Hortense Luz
CARMELA	—	
RITA		
BRITES		
O CAPITÃO ANTÓNIO DA FONSECA,	depois	
FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS	—	Raul de Carvalho
D. RODRIGO DE ARSA NÁPOLES E NORONHA	—	Raul Pires
O GUARDIÃO DE S. FRANCISCO		
JOSÉ DE CABEDO		
SIMÃO BURGOS	—	Juiz Felipe
GASPAR VARELA		
FREI JOÃO DOS PRAZERES		
FREI MANUEL DO SEPULCRO	—	Manuel Louieira
FREI PEREGRINO		
FREI LOURENÇO DE S. PAULO		
D. JOÃO MANUEL		
LOURENCINHO		
FREI VICENTE	—	Manuel Veiros
FREI SEBASTIÃO		
FREI ESTÊVÃO		
O ESCUDEIRO		

A acção decorre em Setúbal, na segunda metade do século XVII. O 1.º acto, na loja da rendeira Francisca de Moura, ao Sapal do Troino; o 2.º acto, na portaria do convento de S. Francisco; o 3.º, no solar de D. Rodrigo de Arsa, aos Palhais; o 4.º, no mesmo cenário do 1.º acto.

ACTO I

A loja da rendeira Francisca de Moura, no Sapal do Troino. Interior do meado do século XVII, térreo, paredes caiadas. Ao fundo, janela baixa, de poiais ; largo portão, com ferrolhos. Da janela e do portão vislumbra-se, fronteiros, o cruzeiro e o pórtico do mosteiro de Jesus, doirados pelas labaredas do sol que declina. À esquerda, no primeiro plano, porta com três ou quatro degraus dando acesso ao interior da casa (alcova e cozinha) ; no segundo plano, armário. À direita, arca ou ucha portuguesa, de ferragens ; sobre a arca, candeeiro de três bicos ; na parede, pequeno tríptico, cuja tábuia central representa Cristo crucificado. Ao fundo, entre a janela e a porta, bufete holandês, de linhas simples, servindo de balcão. Duas cadeiras de braços. Três tamboretes. Entardecer.

CENA I

ROSAL, CARMELA, RITA, BRITES

Quando se levanta o pano, ROSAL guarda no armário caixas de rendas. CARMELA, RITA e BRITES, junto da janela, trabalham em renda de bilros.

RITA

Rosal ! Eu já não vejo.

BRITES

Neu eu.

CARMELA

São horas de deixar o trabalho.

ROSAL

A Moura não tarda. Guardem o trabalho, mas esperem por ela.

AS TRÊS APRENDIZAS, *arrumando as almo-
fadas e cantando :*

*Cuando yo bailo
Ellas mueren de envidia
Y ellos de pasmo...*

ROSAL

Não cantem isso.

CARMELA

Porquê ?

ROSAL

É cantiga castelhana.

CARMELA

E então ?

ROSAL

A Moura não quer. Estamos em guerra
com a Espanha.

RITA

Ora ! Já andávamos em guerra com a
Espanha quando eu nasci.

BRITES

A guerra é lá para o Alentejo.

CARMELA

Quem me dera uma pataca de prata
por cada comédia castelhana que se repre-
senta nos pátios de Lisboa.

ROSAL

Faz-se muita coisa na corte, que nós
temos vergonha de fazer aqui.

RITA

E a Rainha, não é espanhola ?

BRITES

E a mãe da Moura não era também espanhola ?

ROSAL

Mas a Moura é portuguesa.

CARMELA

Então, cantamos em português.

Cantando, com RITA e BRITES :

Vem cá, madre Rosa,
Do corpo bem feito,
Vem dar-me um caldinho
Que eu soffro do peito...

ROSAL

Essa cantiga ainda é pior do que a outra.

CARMELA

Pior, porquê ? Toda a gente a canta, na vila. (*Passa gente, na rua, a cantar a mesma canção*). Não ouves ?

ROSAL

Gente vil. Não há aí mulher honrada e temente a Deus que cante esses versos.

RITA

Credo, Rosal ! Pareces mestra de noviças. Os versos não têm mal nenhum.

ROSAL

Têm pior que mal. Têm malícia. Sabes quem os fez ? Se soubesses, não os cantavas. Foi aquele capitão de cavalos que aí passa, de calças vermelhas de berri de França e cachimbo na boca, com mais mortes às costas e mais mulheres desgraçadas por causa dele, que, se o não mandam depressa para a guerra, ou o matam para aí ao dobrar duma esquina ou vai desfiar cabos na força.

BRITES

O António da Fonseca ?

CARMELA

O capitão Bonina ? Não digas isso. Já não é novo, mas é bem parecido e muito galante homem.

RITA, *a* ROSAL :

Fez-te algum mal, a ti ?

ROSAL

A mim, não. Oiço o que dizem. E o que dizem enche um celeiro. Ele até já esteve desterrado no Brasil !

CARMELA

Pois olha. Bem, só tenho ouvido dizer dos parvos. Eu não tenho medo de homem nenhum.

RITA

Nem eu.

BRITES

Nem eu.

CARMELA

Eles é que têm medo de mim !

CENA II

AS MESMAS, SIMÃO BURGOS

ROSAL, *quando SIMÃO assoma à porta :*

Entra, Simão.

SIMÃO, *entrando :*

Já há gente à porta, à espera. Quer dizer que a Moura ainda não veio.

ROSAL

Anda na venda às senhoras fidalgas.

CARMELA

Simão, os meus chapins de Valença ?

BRITES

Os meus sapatos, Simão ?

RITA

Simão, as minhas chinelas ?

SIMÃO, às *aprendizas* :

Acabei tudo ontem.

CARMELA

Porque não trouxeste hoje ?

SIMÃO

Porque só está pronto amanhã.

CARMELA

Jesus, este homem quer que eu ande descalça !

RITA

Sapateiro de Judas !

BRITES

Sapateiro do Diabo !

SIMÃO, *curvando-se* :

Sapateiro de Vossas Mercês.

CARMELA, RITA e BRITES *dançam e cantam,*
em volta de SIMÃO.

ROSAL

Calem-se. Que vergonha ! Se a Moura
vem aí !

CARMELA

Eu estou sempre calada. (*Às outras
duas*) : Pomos os capotes e vamos para a
janela.

SIMÃO, *olhando as aprendizas, que deitam
pelas costas os capotilhos e se espeitoram
da janela, a rir* :

Gaivotas em terra . . . Temos tempes-
tade. (A ROSAL) : Venho buscar-te, para te
acompanhar a casa.

ROSAL

A minha mãe está pior ?

SIMÃO

Creio que não. Ainda a não vi hoje.

ROSAL

Só se a minha mãe tivesse piorado é que eu deixava a loja antes da Moura chegar.

SIMÃO

Ela não costuma vir tão tarde.

ROSAL

Às vezes demora-se na venda. Como é muito jeitosa — aqueles dedos parecem feitos para enfiar pérolas! — as senhoras pedem-lhe para as ajudar, agora a enrocar um mantéu, logo a armar um verdugadim, cantam-se as solfas novas, o tempo passa, e, para ela não vir só, mandam-na de coche ou de liteira. Já ontem a mandaram. — Porque dizes tu que ela não costuma vir tão tarde? Que aconteceu?

SIMÃO

Nada. Os ares, esta noite, devem estar turvos, para aqui. Era bom que a Moura recolhesse mais cedo e se metesse em casa de ferrolhos bem corridos. Ela teima em

morar na loja. Eu sempre lhe disse que o Sapal do Troino era lugar desamparado, onde mulher sòzinha não vive segura. No ano passado, na noite de São Silvestre — lembras-te ? — vieram cravar-se naquela porta dois zagalotes.

ROSAL

Querem fazer mal à Moura ?

SIMÃO

Quem pensa nisso ! Não. Ela é a menina dos nossos olhos, todos se orgulham dela, todos a trazem no peito, como uma flor. Por isso eu a queria menos arisca, menos afoita, em casa onde vivesse recatada e mimosa como bicho de seda. Aqui, neste ermo, não está bem.

ROSAL

Ela não tem família, coitada.

SIMÃO

Tem. A família dela somos nós todos, é toda a vila. Se lhe acontecer mal, os culpados somos nós, que a não zelámos.

ROSAL

Tu sabes alguma coisa, Simão ?

SIMÃO, *misterioso* :

Sei. Mas não te assustes. Ainda temos ar de dia. Há tempo. A batida ao lobo deve ser já de noite cerrada.

ROSAL

A batida ao lobo ?

SIMÃO

Sim. Dizem que há lobo no povoado. Mas lobo de dois pés, que salta todas as noites o muro do mosteiro.

ROSAL

Do mosteiro de Jesus ?

SIMÃO

Sim. O muro da cerca, ali defronte. Os fidalgos, armados de clavinas e de bacamartes, fazem hoje uma espera ao homem.

ROSAL

Quem é ele ?

SIMÃO

Não me disseram,

ROSAL

Tão perto, Virgem Santíssima ! Tu bem sabes que tenho ido dormir a casa porque minha mãe está doente. Mas, se a Moura corre perigo, eu não saio daqui.

SIMÃO

Não é nada com a Moura. Basta que ela se recate e não assome à janela, se ouvir tiros. Se ela corresse perigo, também eu ficava a guardá-la, deitado na soleira daquela porta, como um cão. Eu não me esqueço do que lhe devo. A ela, e a ti, Rosal. Tenho às vezes vontade de beijar o chão onde ela põe os pés. Tu não és já do nosso credo. Renegaste-o. Mas és do meu sangue e da minha raça. Ela, nem isso. E quando eu estive preso, só porque era teu parente lidou tanto com os fidalgos, e roçou-se, e humilhou-se, e tanto pediu, que me salvou do cárcere e, talvez, da fogueira. — Não há judeus nem cristãos, entendes ? Há corações humanos, e há feras.

CARMELA, *à janela* :

É a Moura !

RITA

É a Moura que aí vem, Rosal !

SIMÃO, *a* ROSAL :

Se um dia — ninguém sabe o que será o dia de amanhã ! — a Moura precisar de um homem capaz de matar e de morrer por ela, — lembra-te de mim.

CENA III

OS MESMOS, FRANCISCA DE MOURA, D. JOÃO
MANUEL, LOURENCINHO, POVO

FRANCISCA DE MOURA, *num sorriso, um açafate na mão, uma braçada de flores no regaço, assoma à porta. Toda a gente, que a espera, a rodeia. São homens e mulheres do povo ; um fidalgo velho, de barba branca, amparado ao bastão ; um seminarista loiro, adolescente, que a olha em êxtase. ROSAL, SIMÃO e as aprendizas acodem a recebê-la.*

FRANCISCA, *às mulheres do povo :*

Adeus, Maria. Eu vou amanhã ver o teu filho. — Ana ! O teu marido está melhor dos olhos ? Sim, é das marinhas. Muito têm os homens que sofrer para que haja um pouco de sal no mundo ! (Às

aprendizas): Ainda aqui estão, filhas? Sim, vão com Deus. (*A ROSAL, que a beija*): Sabes, Rosal? Vim no coche da senhora Condessa de Penaguião. Vê, que lindas flores as fidalgas me deram! — Senhor D. João Manuel! Tão doente, e veio ver-me! — Lourencinho, sempre vais para o Seminário de Évora? (*dando uma flor ao fidalgo velho*): Que pena ser já tão tarde! (*dando outra flor ao seminarista*): Que pena ser ainda tão cedo! (*A D. JOÃO MANUEL*): Porque sorri Vossa Senhoria?

D. JOÃO

Porque tive a ventura de a ver.

FRANCISCA

E tu, Lourencinho, porque choras?

LOURENÇO

Porque já não te vejo mais!

FRANCISCA, *a* SIMÃO, *olhando o velho e o adolescente, que saem*:

Andamos todos nós desencontrados na vida. Não é verdade, Simão? Traze o

açafate. Vamos pôr as flores no oratório, Rosal. (*O povo afasta-se. FRANCISCA e ROSAL saem pela esquerda baixa*).

CENA IV

SIMÃO e D. RODRIGO DE ARSA

D. RODRIGO, *entrando, solene* :

Simão Burgos ! Não me conheces ?

SIMÃO, *saudando, sem se descobrir* :

Senhor D. Rodrigo de Arsa !

D. RODRIGO

Porque não te descobres ? (*Derruba-lhe o sombreiro com a ponta do bastão*). Já te esqueceste de que me deves a vida ?

SIMÃO, *levantando o chapéu* :

Não me lembro de ter pedido, nem a vida, nem a morte a Vossa Senhoria.

D. RODRIGO

Porque outros a pediram por ti. Já estás bom católico, não é verdade? Já vais à missa, já te confessas... Não respondes?

SIMÃO

Con el Rey, con el Papa y con la Inquisición, chiton!

D. RODRIGO

Que pedes tu a Deus, quando vais fingir que rezas o terço, em São Julião?

SIMÃO

Que Deus tenha Vossa Senhoria em descanso e em glória. *Pater Noster*.

D. RODRIGO, *erguendo o bastão* :

Rua daqui, marrano! Eu não morri ainda.

FRANCISCA DE MOURA *surge na porta da esquerda baixa*. SIMÃO *sobe, lento, ganha a porta do fundo e, por momentos, desaparece*.

CENA V

D. RODRIGO, FRANCISCA DE MOURA ; *pouco depois*, ROSAL ; SIMÃO, *à porta*

FRANCISCA, *que ouviu ainda as últimas palavras de D. RODRIGO, curva-se, numa mesura intencionalmente requintada :*

Serva de Vossa Senhoria.

D. RODRIGO

Boa tarde, Moura. Vi tanta gente à sua porta, à espera de um sorriso, que me atrevi a entrar.

FRANCISCA

Grande honra para a minha casa. Vejo que Vossa Senhoria dispõe dela como se fosse sua. — Eu não vendo sorrisos. Vendo rendas.

D. RODRIGO

Fez bem em lembrar-mo. Os sorrisos pedem-se ; as rendas compram-se. — Não acha o meu mantéu demasiado holandês ? A balona está passando de moda. Agora, de mais a mais, que já se começa a falar em rainha francesa — se é certo o que